

Narrativas entrelaçadas com o têxtil

Narratives intertwined with the textile

Narrativas entrelazadas con el textil

LARISSA RACHEL GOMES SILVA ¹

Universidade Regional do Cariri

MÔNICA LÓSS DOS SANTOS ²

Universidade de Barcelona

VANESSA FREITAG ³

Universidad de Guanajuato

¹ Professora Assistente do Curso de Artes Visuais do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí. Doutoranda em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto de Artes da Unesp. Mestra pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFPB/UFPE) pela Universidade Federal da Paraíba (2018). Licenciada em Artes Visuais pela Universidade Regional do Cariri/URCA (2015). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais – Universidade Federal do Amapá – UNIFAP e do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4923317424193806>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2438-127X>. Email: larissarachel@ufpi.edu.br.

² Doutora em Artes e Educação pela Universidade de Barcelona, Espanha, Mestre em Educação e pós-graduada em Design para Superfícies pela Universidade Federal de Santa Maria, RS - Brasil e, pela mesma instituição, é bacharel e licenciada em Artes Visuais. Atualmente vive e trabalha em San Diego, Califórnia. É membro do grupo de mulheres artistas Gomagrupa, BR, é artista pesquisadora no Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais – Universidade Federal do Amapá – UNIFAP, BR, integra a equipe investigava do projeto Potencialidades educativas da arte na interface ciência-natureza do Grupo Amplia - Amálgama em educação, ciência e arte do Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, BR. Nos últimos anos tem participado de exposições em diversas instituições no Brasil, Estados Unidos, México e Europa. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1612-3796>. E-mail: monicalossart@gmail.com.

³ Professora e artista. Doutora em Ciências Sociais, com especialidade em Antropologia Social por CIESAS-Occidente(Guadalajara/México). Mestra em Educação, Licenciada e Bacharel em Desenho e Plástica, todos pela Universidade Federal de Santa Maria/Brasil. Atualmente, é professora da Universidad de Guanajuato, Campus León/México, se desempenhando na Licenciatura en Cultura y Arte e no Programa de Doctorado Interinstitucional en Arte y Cultura. Integrante do Corpo Académico Cultura y Arte, membro virtual do GEPAEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura/UFMS); colabora com o Grupo de Estudos e Pesquisa Experiências Dissidentes em Artes Visuais (UNIFAP/Brasil) e com a Red Internacional Mujeres y Arte Popular (UNAM/México-PUC/RS/Brasil). No momento, coordena o projeto de pesquisa “El lenguaje textil y sus posibilidades de creación en el contexto universitario”. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2359848414773274>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2943-7455>. E-mail: vfreitag@ugto.mx.

Resumo

Este ensaio entrelaça três narrativas relacionadas com a linguagem têxtil (e suas técnicas), considerando o mesmo, caminhos que ajudam a dar forma e estrutura a temas que são caros para nós artistas. Neste sentido, tomamos a iniciativa de trabalhar três vozes diferentes, singulares, próprias para construir um texto que pudesse tornar visível nossos interesses em comum. A questão a considerar seria pensar o que nos move ao empregar um tipo de material em detrimento de outro no processo criativo com arte. Porque as semelhanças podem ser aparentes, mas um olhar cuidadoso, atento, interessado revelaria as camadas e sutilezas na forma de enunciar as subjetividades nos trabalhos. E, ao mesmo tempo, suas coincidências ou afinidades.

Palavras-chave: processos criativos; narrativas artísticas; linguagem têxtil.

Abstract

This essay intertwines three narratives related to the textile language (and its techniques), considering the same paths that help shape and structure themes that are dear to us as artists. In this sense, we took the initiative to work with three different, unique voices to build a text that could make our common interests visible. The question to consider would be to think about what moves us to use one type of material over another in the creative process with art. Because the similarities may be apparent, but a careful, attentive, interested look would reveal the layers and subtleties in the way of enunciating the subjectivities in the works. And, at the same time, their coincidences or affinities.

Keywords: creative processes; artistic narratives; textile language.

Resumen

En este ensayo entrelazamos tres narrativas que se conectan con el lenguaje textil (y sus técnicas), considerándolo como un camino que contribuye a dar forma y estructura a temas que nos interesan investigar. En este sentido, tomamos la iniciativa de presentar tres voces distintas y singulares para construir un texto que pudiera tornar visible nuestros intereses en común. La problemática a considerar aquí tiene que ver con las formas de pensar aquello que nos mueve a la hora de emplear un tipo de materialidad específica para la creación artística, que en este caso, es la materialidad textil.

Palabras-clave: procesos de creación; narrativas artísticas; lenguaje textil.

Introdução

Este ensaio entrelaça três narrativas relacionadas com a linguagem têxtil, materiais e técnicas, considerando a mesma, como caminhos que ajudam a dar forma e estrutura a temas que são caros para nós artistas. Neste sentido, tomamos a iniciativa de trabalhar três vozes diferentes, singulares, próprias para construir um texto que pudesse tornar visível nossos interesses em comum.

A questão a considerar seria pensar o que nos move ao empregar um tipo de material em detrimento de outro em nosso processo criativo e pesquisa em/com arte. Porque as semelhanças podem ser aparentes, mas um olhar cuidadoso, atento, interessado revelaria as camadas e sutilezas na forma de enunciar as subjetividades nos trabalhos. E, em simultâneo, suas coincidências ou afinidades.

Construir este texto a três vozes e poder dialogar sobre um ponto em comum, ou seja, nossos processos têxteis, pareceu-nos uma oportunidade instigante. Ao mesmo tempo, um desafio, dado que partimos de nossas experiências e singularidades dentro de nossas práticas artísticas, muitas vezes, um caminho solitário, para nos articularmos em um espaço de diálogo e construção coletiva compartilhada.

Neste sentido, o trabalho da Larissa articula lembranças de práticas femininas desempenhadas pelas mulheres da família, e as ressignifica mediante as possibilidades do tecido, que vai do bidimensional ao tridimensional. O trabalho da Mônica encontra em seus vestíveis e objetos sensoriais, brinca com o crochê, subverte utensílios domésticos, e faz um pique - esconde com os seus objetos, é como ver ser encantado, que está criando forma. Finalmente, no trabalho da Vanessa e seus objetos orgânicos construídos a partir do emprego de diferentes técnicas têxteis, dá forma a seres que às vezes se fundem à criadora, e em outras, dialogam com um espaço imaginado, e desse diálogo performático, recupera a genealogia do gesto criador com o têxtil.

Entre Trapos

Olhar por outros ângulos, pensar de outras formas, amadurecer o conceito, aprendi gradualmente e ainda tenho dificuldades de me entender como artista, e sempre surgem os questionamentos diante do processo.

Passei a entender o caminho que estava traçando, e para isso fui revisitando as pequenas lembranças que quase estavam sendo completamente esquecidas, notei a minha relação com os tecidos, o quanto era apegada a um lençol quando criança, e como foi difícil me desfazer dele, como gostava de usar retalhos de tecidos para fazer roupas para as minhas bonecas, ou quando passei a pintar à óleo sobre tela na adolescência, e me dei conta de que queria ser artista.

Hoje, depois de uma graduação e mestrado em Artes Visuais, me vejo seguindo o caminho do têxtil, pois considero que consegui ressignificar minha relação com o tecido, e encontrei uma carga de significados e possibilidades que vão além da tela.

Sou cearense, residente na cidade de Crato-CE, mas natural de Fortaleza, por muito tempo convivi com a minha avó na capital e com ela, aprendi um pouco sobre costura, recebi muitos incentivos para começar um curso de pintura na adolescência, e quando decidi seguir estudando sobre arte, fui totalmente desmotivada, mas persisti.

Iniciei a graduação em Artes Visuais no ano de 2009, passei a evitar a pintura, criei um preconceito infantil sobre algo que foi a ponte para chegar onde estava, porém, tentei (re)significar a pintura, ao perceber a materialidade dela. Foi aí que notei o tecido, ao invés de esticá-lo sobre uma tela, passei a usar ele de forma livre, buscando criar uma espécie de diário, onde usava a sua superfície para escrever pensamentos avulsos, citações de livros e rabiscos. Esse processo, que começou em 2011, e permanece sendo trabalhando, nomeei de *Escrito sobre tecido* (Imagem 1), e foi onde comecei a experimentar as possibilidades que o têxtil poderia ter.

Foi um dos meus primeiros experimentos, tentei reproduzir nestes tecidos o que costumava fazer nos meus cadernos da escola e nas minhas agendas, também acrescentei imagens de trabalhos que estava desenvolvendo na época. O resultado parece se tratar de algo mal feito e desleixado, mas esse foi um exercício fundamental na minha formação, antes estava presa a padrões estéticos da pintura, procurei a perfeição por muito tempo, e quando iniciei o curso, aprendo que o conceito de belo é ultrapassado, o conceito do trabalho está acima da estética dele.

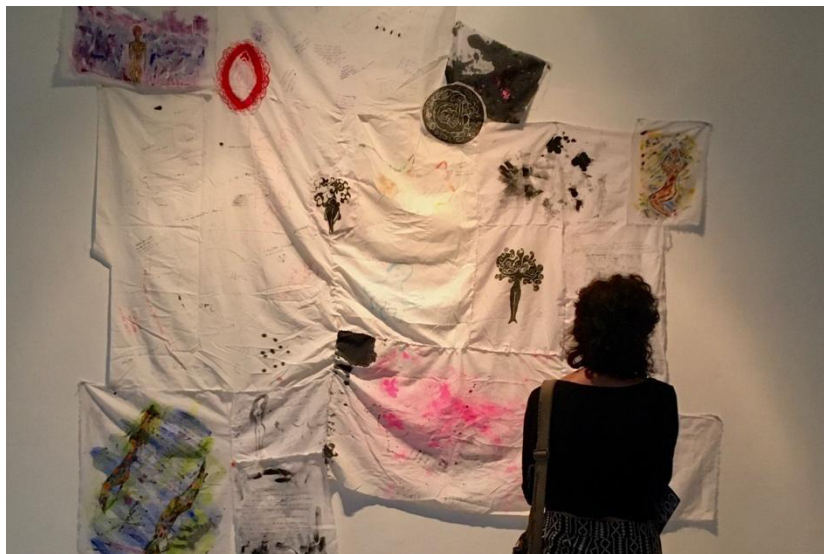
Porque o tecido me encantava tanto? Talvez pelo fácil acesso, é um material comum, com infinitas possibilidades, para quem se permite experimentar, mas sentia que não era só isso, a relação entre o feminino e o tecido é bem mais profunda do que imaginava na época.

Durante o processo criativo, me questionava qual era a minha motivação, e a partir das leituras que sobre o feminismo, e como a mulher artista é ocultada na história da arte, encontrei um sentido no meu encantamento principalmente com os fazeres têxteis.

Em nome da pudicícia, vetou-se às artistas o acesso aos estudos de modelo vivo, que eram monopólio das Academias, conseqüentemente elas foram obstaculizadas de realizar os gêneros artísticos superiores, como o da pintura de história e os retratos. Com isso, as mulheres estavam aptas apenas a criar os chamados gêneros “menores”: as miniaturas, as pinturas em porcelana e as decorativas (vãos, esmaltes etc.), as aquarelas, as naturezas-mortas e, finalmente, toda a sorte de artes aplicadas, particularmente as tapeçarias e bordados (SIMIONI, 2008, p.12).

Não é por acaso o meu interesse processo têxtil, sem acesso às academias artes, e ainda restringidas a estudar as “artes menores” as mulheres artistas tiveram que encontrar outros meios de produzir, hoje a herança dessa luta tem reflexo nas novas produções artísticas, que usam o têxtil como empoderamento,

Imagem 1:



Registro Escrito sobre tecido em exposição. Fonte: Larissa Rachel Gomes Silva. 2019.

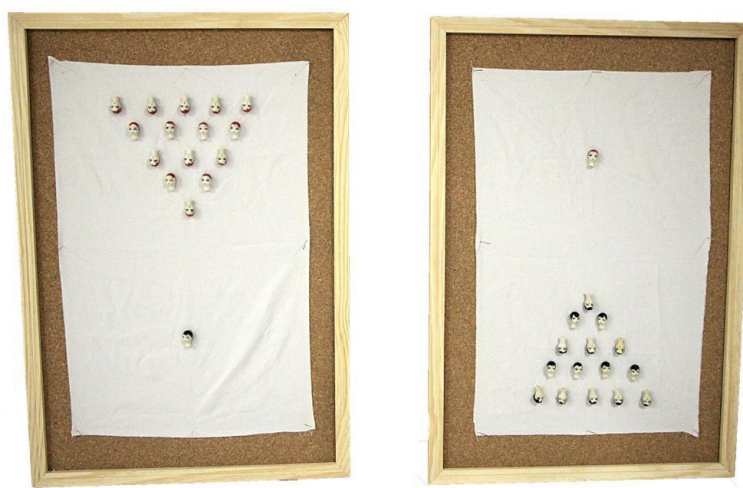
Entre Tecidos

A presença do tecido na arte é bastante comum, mas não estou me referindo às telas para pintura, e sim, ao uso do tecido como objeto. Minha referência inicial desses primeiros experimentos foi a artista plástica Leda Catunda. Na entrevista comentada, feita por Lilian Tone, para o catálogo de sua exposição “Leda Catunda: 1983 – 2008” ela fala um pouco sobre seu processo de criação:

Desde que foi rompida com cortes e furos por Lucio Fontana (...) a superfície da pintura teve sua natureza revolucionada. A tela passou a ser ela mesma, assumindo sua existência enquanto material constituído por tecido e tinta, com superfície, espessura e limite de resistência. Ao considerar-se o que está por trás dela, amplia-se o entendimento do espaço na pintura. Abrem-se as possibilidades de volume, de planos irregulares, e a própria tela pode, então, graças às características a ela atribuídas a partir de Fontana, ser entendida como uma espécie de pele. Funcionando como um invólucro, com exterior e interior, podendo ser dobrada, enrugada, sendo preenchida, esticando-se e projetando volumes no espaço, ou mais uma vez sendo cortada, desestruturando-se (CATUNDA, 2009, p.29).

E ainda nesse processo experimental, desse testar o material, criei as *Cabeças de boneca* (Imagem 2), um díptico, onde fiz uma brincadeira com pequenas cabecinhas de boneca plástico, agrupando em triângulos, e excluindo o que diferia do grupo, que foi de fato uma forma sutil de discutir a exclusão.

Imagem 2:



Cabeças de Boneca. Fonte: Larissa Rachel Gomes Silva. 2015.

O meu processo tem como ponto de partida as minhas inquietações, pensamentos que partem de observações do cotidiano, em Cabeças de Boneca, pensei em como me sinto presa a mim mesma, de como desde criança somos começamos a ser educadas para seguir regras e aceitar tudo sem questionar, e as que têm coragem de se impor, são julgadas e condenadas pelas outras/outros.

Em pleno século XXI, depois de toda a luta feminista, parece que não conseguimos extinguir o mal que está em nós, a submissão. Não noto mudanças em relação ao lugar da mulher, mesmo com as conquistas mínimas que conseguimos, continuamos sendo tratadas como objetos, sem liberdade, não somos respeitadas, somos moldadas, e quem está nos moldando são outras mulheres, a boneca é o símbolo dessa repressão:

Na infância, a confiança ocorria com a boneca, que, na primeira metade do século XIX, tinha aspecto de mocinha; as bonecas francesas obedeciam aos cânones da beleza vigente, tinham cintura fina, quadril largo e roupa de acordo com as tendências da moda. (...) A escolha da boneca, que acompanhava as meninas em seus passeios, permitia a confiança; todavia, há uma considerável mudança de papéis por volta de 1855, quando esses brinquedos assumem formas de bebês, e as meninas conscientizam-se sobre o aprendizado materno. (XIMENES, 2011, p.44)

A mulher nasce para ser domesticada e servir, enquanto o homem nasce para ser servido; a mulher tem lutado pela sua liberdade, mas ainda continua lutando contra toda sociedade que continua com o mesmo modo de pensar, criada para passar para cada geração essa forma de criação, mulheres criadas para serem donas de casa, e o homem criado para ser servido. Esse é o senso comum, essa é a lei que impera, mulher só tem a opção de ser submissa, qualquer uma que lute contra isso vai ser hostilizada, não apenas pelos homens, mas também pelas mulheres.

Entre bonecas

Quando criei a primeira *Boneca de Trapo* (Imagem 3), estava fazendo mestrado em Artes Visuais, na Universidade Federal da Paraíba, mesmo em outro estado, minha referência para a pesquisa, era um grupo de mulheres da cidade de Crato-CE, que formaram a Associação das Bonequeiras no Pé de Manga. Meu encantamento pelo grupo veio através das bonecas de pano, que elas, em conjunto, resgataram das memórias da sua infância. Tive a oportunidade de conhecer suas histórias e de aprender com elas.

Imagem 3:



Registro Boneca de Trapo em processo de criação. Fonte: Larissa Rachel Gomes Silva. 2018.

Nestes experimentos, consegui me arriscar no estudo da figura humana, pois não podia deixar as minhas limitações com o desenho um pouco mais figurativo, interferirem nos meus objetivos. Revisitar a minha produção e como fui tomando mais consciência das minhas criações, parece simples, mas quando estava imersa no processo criativo, não me dava conto do todo, apesar de ter a ideia de trabalhar com feminino, achei nos tecidos e nos processos têxteis, a delicadeza de tratar do tema e levantar outros questionamentos.

Encontrei um caminho na pintura, pensei que as possibilidades eram poucas, mas quando me permitir a experimentar, vi que poderia destrinçar os suportes, sair da rigidez das formas, e brincar com os materiais da forma como bem entendesse, o conceito estava lá, porque me permitir, como artista, a questionar o certo e errado.

Deambulando pela complexidade dos fazeres têxteis

Fiquei dias deambulando entre textos já escritos, e novos parágrafos incompletos, tentando encontrar pistas e recortar pedaços para costurar um começo possível a fim de criar uma escrita que desse conta de meu processo e também, estivesse em diálogo com os processos de Larissa Rachel e Vanessa.

Então, o caminho que me pareceu pertinente foi construir este texto tendo em

conta a diversidade que pertence às coisas complexas quando se pensa na unidade e na multiplicidade que formam o todo. Segundo Morin (2002, p.38) “Complexus significa o que foi tecido junto; de fato, há complexidade quando elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo” e tendo presente a ideia de complexidade como uma estratégia potente para pensar processos individuais, mas que, encontram pontos de contato e diálogo, ocorreu-me que, seguindo por este caminho a analogia a “rede” seria um ponto interessante para construir este texto.

Deste modo, assim como a rede que se constrói em diferentes direções e aos poucos, enquanto sua trama vai ganhando forma, pontos de conexões e encontros vão formando um tecido único, feito de fios distintos e matérias diversas, mas, sustentado pelo mesmo urdume é que este texto se forma. Um caminho para falar da unidade na multiplicidade e deixar que os pontos de encontros emergem de maneira espontânea, enquanto a trama ganha corpo.

Um lugar para localizar as perdas

num tempo anterior | a tosquia e a cardura | a roca e o fuso | fio e labirinto
 num tempo interior | a tecedura | o tear e a malha | e a trama
 num tempo exterior a urdidura | a lã e o novelo | rito e transfiguração
Berenice Sica Lamas

Venho construindo um processo de pesquisa que parte do têxtil enquanto materialidade e também, na investigação de procedimentos pertencentes ao fazer manual. Interessa-me explorar diferentes técnicas manuais e artesanais como tentativa de percorrer um caminho onde arte e vida se entrelaçam. A tecelagem, a costura, o crochê, o bordado, o tingimento artesanal, a estamparia, e também, outras possibilidades de construção como nós, amarrações, torções, rasgos são alguns dos recursos que utilizo como possibilidade de percorrer rotas de escape e até “modos de não fazer”, experimentando e combinando soluções “desobedientes”. Tenho adotado o termo “desobediência” como caminho para definir a maneira com a qual exploro materiais, técnicas e procedimentos têxteis de modo livre, sem seguir receitas e sim, como forma de investigar rotas alternativas e percursos que não reproduzem, mas que, vão surgindo espontaneamente através do fazer e da necessidade que o próprio material vai reivindicando.

Entre deslocamentos, mudanças e recomeços, depois de 8 anos de um hiato para dar conta de outras demandas do caminho, iniciei uma nova etapa da vida e arte ao mudar para Michigan nos Estados Unidos. Para a mudança juntei coisas

espalhadas e esquecidas ao longo dos anos, abandonos e memórias (materiais e imateriais) que serviram de impulso para retomar minha prática artística. A partir de um novo posicionamento necessário enquanto mulher, artista, latino-americana e imigrante que se lança na construção de um refúgio, um corpo humano/animal enquanto estrutura de proteção, abrigo ou prisão.

Neste (re)começo, olhar para o que eu trouxe na bagagem, retalhos e fragmentos de tecelagens produzidas em outros tempos, foram dando origem a construções têxteis, que chamei “Coisas estranhas crescem aqui” (Imagem 4).

A série de trabalhos foi iniciada em 2017 e segue em desenvolvimento, surgiu de modo despretensioso, sem que existisse um projeto ou ideia definida, respondendo muito mais a uma demanda interna de dar um novo sentido para o material do que a intenção de construir uma pesquisa.

Os retalhos foram, primeiramente, reunidos em grupinhos de 5 ou 6 tecelagens para posteriormente, serem unidos por crochê. Cada grupo, teve suas dimensões expandidas formando um tecido único e dando origem a seres de uma natureza indefinida e ambivalente, feitos a partir da combinação de técnicas e materiais diversos como lã de ovelhas, sisal, barbante, fios de seda, linhas e arame.

Imagem 4:



Série “Coisas estranhas crescem aqui”, 2017 - em curso

O movimento de olhar para trás foi se dando como um modo de resgatar resquícios de memórias para construir um processo vivo, latente, impulsivo, dolorido, capaz de reconstruir o novo a partir de pedaços e restos do que, em algum momento, possuíam importância, destituída pelo abandono e pelo tempo.

A memória como este elemento repleto de camadas que extrapola a experiência individual conectando-se a contextos amplos e entrelaçados a um todo de maior complexidade.

Estudar memória é falar não apenas de vida e de perpetuação da vida através da história; é falar, também, de seu reverso, do esquecimento, dos silêncios, dos não-ditos e, ainda, de uma forma intermediária, que é a permanência de memórias subterrâneas entre o esquecimento e a memória social. (TEDESCO, 2002, p. 31)

No percurso de ir construindo um corpo de trabalho, a memória como campo de reflexão, articulada com o espaço-tempo, desdobrou-se em uma nova pesquisa, iniciada de modo paralelo, à princípio denominada Nômades e posteriormente, Nomad[a]s (Imagem 5), sendo assim chamada devido a “necessidade de colocar no feminino tudo o que há de envolvente e de suave para além dos termos simplesmente masculinos que designam nossos estados de alma” (Bachelard, 1988, p.29) e como um modo de problematizar sobre deslocamentos de todas as ordens.

Utilizando processo construtivo semelhante ao da primeira série, utilizando tecelagens já existentes, o crochê é o meio que exploro para unir os retalhos de diferentes tamanhos, para construir múltiplas estruturas em cores e materiais variados. Esta pesquisa configura-se como um embate entre o se perceber pertencente a um lugar, ao mesmo tempo que se busca construir e, reconstruir-se em um novo lugar, que não se chega a entender por completo, um entre as coisas, do foi e do é, do passado e do presente, o entre que se constitui ora como prisão e em outras, como refúgio, lugar onde se torna possível “localizar as perdas”.

Imagem 5:



Séries “Nomad[a]s”, 2017 em curso

Nomad[a]s é uma série composta por múltiplas peças e que vem aumentando, uma vez que é uma pesquisa que está em curso em que sigo produzindo novos trabalhos, explorando materiais diversificados e experimentando técnicas que impulsionam o aprofundamento da pesquisa. Além de tencionar a relação entre

deslocamento e memória, os trabalhos recentes desta pesquisa vêm suscitando questões relativas ao corpo humano, enquanto estrutura de proteção e prisão, a intimidade da casa, e os refúgios que podem surgir como metáforas ou ainda, de forma literal, através das formas dotadas de cavidades, espaços vazios e labirintos que cada uma das peças vai apresentando.

Passagem e permanência: a materialidade têxtil

Os artigos têxteis se lembram.

Não se trata de algo que necessariamente pedimos que façam,

ou que podemos evitar que aconteça.

Eles se lembram e ponto.

Jessica Hemmings

Na simultaneidade de camadas e elementos que se constroem entre a passagem e a permanência, e na relação de investigar o que existe no “entre” e no dentro e fora das coisas é o que vem despertando meu interesse e por onde minha pesquisa foi avançando. Neste processo, fui compreendendo que o material, como elemento provido de memória e história (individual e coletiva) proveniente dos meus (e de outros) descartes, abandonos e acúmulos, funcionava como um dispositivo que me permitia interferir no destino das “coisas”. Este encontro, às vezes fortuito, em outras, intencional outorga-me um certo privilégio, o de decidir sobre o seu fim, mas isso também implica em uma carga, o de ser responsável por aquele material. Esse sentimento foi se desenvolvendo e se aprofundando, onde a apropriação de objetos coletados na natureza, doados por alguma amiga ou comprados em vendas de garagem, passaram a significar uma espécie de encontro desencadeador de mudança, para eles e conseqüentemente para mim.

Desfazer-me de coisas e usá-las em meus trabalhos acontece como uma estratégia: por um lado, existe a dimensão de criar algo a partir de uma coisa já existente, transformando-a em algo novo; por outro, esses acúmulos que se tornam um incômodo, que possuem uma carga afetiva forte, pois carregam a memória de um tempo “vivido”, não se vão, e por isso existe um falso desapego.

Materiais têxteis como tecidos, linhas, lãs, fibras têxteis de origem animal e vegetal, resíduos têxteis, roupas usadas que transformo em fios, ou ainda, pequenos objetos e utensílios domésticos que pertencem ao meu cotidiano são coisas que se transformam e são reinventadas, para caber nesta etapa da vida como uma espécie de tentativa por acessar as memórias remanescentes criando novas possibilidades.

Um dos trabalhos que pode servir de exemplo de como o relacionamento com o material ocorre é a série “Doação de pele”, pesquisa iniciada em 2019 onde as construções têxteis são feitas a partir da meia-calça como elemento estrutural e doadas por amigas e conhecidas ou ainda, que pertenciam a mim.

Imagem 6:



Série “Doação de Pele”, 2019 - em curso

Além da meia-calça como elemento construtivo, recorro a outros materiais como lã de ovelha, fitas de cetim, sementes, objetos, brinquedos, fibras e fios têxteis, entre outros combinados a diferentes técnicas na construção das peças, entre elas a costura, o bordado e a tecelagem.

Imagem 7:



Série Doação de Pele Xifópagas, 2019

A pele como “invólucro do corpo”, pode ser um abrigo que delimita o fora e o dentro, um veículo relacional como superfície de contato ou um escudo que protege o corpo. A pele no mundo seccionado em que vivemos, tem em sua variedade de cor um fator que posiciona, delimita, rejeita, discrimina e que comente as muitas

injustiças e violências que precisam ser combatidas, rejeitadas, extirpadas da trama social. Inicialmente, foram estas questões que me levaram a desejar vestir a pele de outres, uma tentativa para sentir o peso de suas experiências, as texturas de suas dores, os contornos de histórias, conhecer a bagagem que carregam, entender suas heranças, suas memórias, seus logros e tropeços e com ela conhecer esta narrativa composta de fragmentos e vestígios escritos pelo tempo.

Mas será que isso seria realmente possível? Adentrar através da pele para conhecer a complexidade e singularidade de outres? Entendo que a tentativa e o desejo já consistem em caminho e também, pode ser um começo.

A pele redobra, reverbera, faz ressoar de dentro para fora e vice-versa em cada um dos movimentos. A pele não é algo que separa o dentro e fora, o pessoal e o coletivo, mas é onde vibram simultaneamente forças contrárias, vindas de todos os lados, que possibilitam a formulação de novas paisagens corporais/subjetivas. (De Laurentiis, 2017, p. 49).

Não é banal o fato das meias-calças que uso nas construções têxteis terem sido usadas por outras pessoas, doadas por amigas, compradas em lojas de segunda mão ou terem pertencido a mim, na verdade, é um ato impregnado de sentido, uma vez que é entendido como um dispositivo que liga histórias e memórias. A memória é o que nos constitui como sujeitos históricos, situados, datados. A pele é também memória e neste contexto, dialoga com questões profundas e complexas como a identidade, o feminino, o sentido de pertencimento e de ancestralidade.

As Criaturas de Topiarius

As memórias de infância têm me reencontrado no processo criativo com a linguagem têxtil. Afetos e narrativas são ativadas no contato com a materialidade e no processo de trabalho em si, que nos convidam à interiorização e à lentificação do fazer artístico. Este reencontro com o material foi possível num momento de fragilidade pessoal, o que me levou a sentir um estranhamento da minha identidade compartilhada entre o Brasil e o México. Encontrei no têxtil um “terceiro espaço”, ou seja, um espaço para mim mesma.

No entanto, e mediada pelo processo de trabalho, fui entendendo que o emprego do têxtil no trabalho artístico também pode ser pensado como uma atitude política, no sentido de ser um modo de resistência ante as formas de vida acelerada que nos desconectam de nós mesmas, dos outros e da nossa relação com a natureza.

Formas estas que nos distanciam e nos impedem de pensar-nos como seres

integrados. Por isso, comecei a explorar um tema que não só me conectava comigo mesma e as infâncias tidas no Brasil, mas me permitia ser consciente da relação desequilibrada com nosso “ninho” coletivo: plantas, jardins, insetos, criaturas selvagens, criaturas inventadas invadindo meu corpo. Queria costurar uma estranha simbiose, onde meu corpo foi pensado como um espaço de intersecção que enlaçou meu passado, com o meu presente; as vivências de infância vividas na roça, e ao mesmo tempo, as experiências tidas no contexto urbanizado em que me situo hoje. Ou seja, queria pensar sobre a fragilidade de um corpo desterritorializado.

Neste sentido, decidi escrever sobre o que representa o material que uso nas minhas explorações com a arte têxtil, quais são os temas de interesse que dão suporte ao trabalho e um pouco das etapas do processo criativo com a linguagem.

As flores e o Jardim

Imagem 8 e 9:



“Pequeno jardim de Topiarius”, crochê, costura, bordado, alfinetes, bolinhas de gude e cestaria, 2020.

Vejo meu processo criativo com o têxtil como um tipo de materialidade que me permite a reconciliação entre meu passado (vivido no Brasil) e meu presente (vivendo no México). Ao tecer, costurar e crochetar, afetos e desafetos são ativados possibilitando a criação de narrativas que me levam a construir seres coloridos (e não), aparentemente inofensivos, que ocupam o espaço e quando necessário, o meu próprio corpo. Penso muito no terceiro espaço quando estou criando, um espaço que se materializa ou se forma através desses corpos ou seres que gostaria que fossem vistos no seu conjunto, como grupos e não somente como peças soltas.

O crochê e a costura me conectam com a imagem das minhas avós trabalhando com fios e agulhas. Presentifico estas recordações, convoco saberes aprendidos por elas como uma extensão das numerosas atividades que as mulheres da minha

família realizavam no campo e na casa.

Decido construir lentamente um jardim que enlaça as vivências de infância tidas no campo: o cuidado com as plantas e as plantações; os animais domesticados e selvagens delimitados pelo território desconhecido da mata; a horta e as flores que minha avó cuidava. E a imagem da cobra Sucuri, que me provocava medo, mas também fascinação.

Imagem 10 e 11:



Simbiosis. Crochê, costura e bordado. Nidos y Serpientes - Proyecto Topiarius. Blusas femininas preenchidas e costuradas, 2020.

Por outro lado, viver o deslocamento de um país a outro e me assentar no México, contribuiu para aprender a ver a cor nas coisas da cidade: na arquitetura, nos bairros, no artesanato local, na comida, nas plantas locais, ou seja, na paisagem circundante. As cores são “colhidas” nas minhas caminhadas e trânsitos pela cidade, pelos mercados públicos, pelos povoados, pelas rancherias. Fotografo aquilo que me interessa, desenho e arquivo. Mentalizo a cor e as transmuta no trabalho que realizo. Neste sentido, a cor é o ponto de partida de quase todos os trabalhos, gerando projetos e temas muito relacionados com estados anímicos, com espacialidades, com tatilidade.

O olhar atento à paisagem circundante e a percepção de uma topografia muito diferente daquela vivida no Brasil, me provoca a pensar sobre a ideia de adaptação. Todos esses elementos procuro incorporar nos conjuntos de trabalhos que crio. Portanto, a imagem do jardim e das práticas de semear, plantar, transplantar e colher são ativadas neste grupo de peças.

Os insetos e os corpos selvagens

Imagem 13 e 14:



“Criaturas de Topiarius - insetos”. Costura com roupas usadas, preenchidas, dobradas e costuradas, 2020.

Diante da necessidade de dar corpo às memórias encontradas, e de me entender num contexto de deslocamento, um des/conforto se incorpora mediante uma identidade compartilhada, que não encontra o seu lugar. Um estado de “liminaridade” (RODRÍGUEZ BENCOMO, 2017) é convocado como parte do processo criativo. Ser e não ser de algum lugar, pertencer e não pertencer, estar e não estar. Não são entendidas como dicotomias, mas como um tipo de dualidade complementar. Ambiguidades que se aceitam (seria possível?). Um entre-lugar. Essa sensação incorporada é o que me impulsiona a criar.

Neste grupo de objetos, utilizo roupas de segunda mão (próprias, doadas, encontradas) para construir um corpo de insetos e animais selvagens que convivem num mesmo espaço: o do jardim. As criaturas de Topiarius, que significa “jardim artificial”, (BERUETE, 2016) surgem a partir do momento em que silencie as cores saturadas no meu trabalho, me enfoco em pensar nos estampados das roupas, entendendo este, como um tipo de camuflagem. A intenção é evocar um pouco de agressividade e a presença de uma ameaça. Penso nesses seres que vão surgindo da manipulação intuitiva da roupa, como alter-egos.

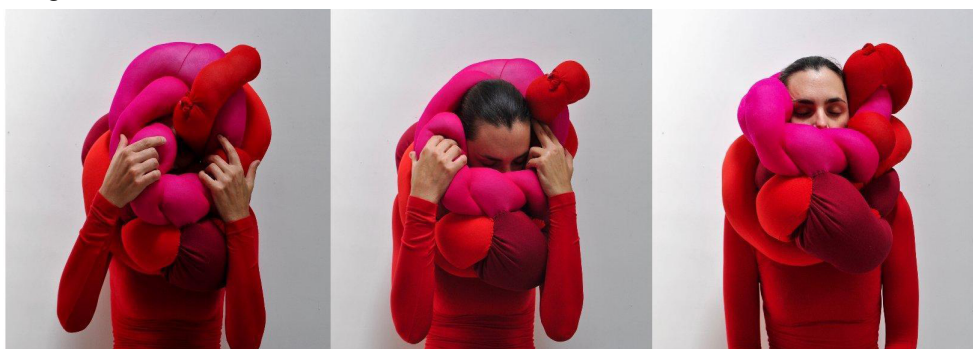
Os corpos e os mecanismos de defesa

Imagem 15:



“Crisis Labeled”. Fotoperformance com roupa usada, cortada e costurada, 2020.

Imagem 16:



Cuerpo-nido-incomodidad. Fotoperformance, 2020.

O trabalho com o têxtil acontece mediado pelo afeto. É um desejo de corporificar emoções. O tecido dá suporte, envolve, protege, convida ao toque. Os fios se conectam, se aninham, se estruturam. Como já foi dito, a costura reativa memórias: conserta, reúne, aproxima - o que está longe, o que ficou disperso, o que se abandonou-. A escolha pelo material é uma decisão emocional.

Em “Crisis” crio a ilusão de que me transformo numa criatura que se deixa devorar por formas que brotam do meu próprio corpo ou estão virtualmente aderidas a ele. Meu corpo se apresenta, me vejo confrontando um olhar externo (o que julga) e lentamente, me camufla mediado pelo desconforto que a ideia do olhar alheio me faz sentir. Uma camuflagem imperfeita, a adaptação nunca é

fácil. Sou essa criatura híbrida, metamorfoseada, semi-adaptada. Sou um tipo de enxerto.

Em “Corpo-nido-incomodidad”, me vejo abraçada, ao mesmo tempo sufocada, pelo excesso de roupas que se desbordam pelo meu corpo. Esta sequência de imagens surgiu a partir de uma experiência de residência online durante a pandemia, em que fomos provocados a pensar sobre nosso “ninho” atual. Quis materializar estados anímicos como o conforto de poder estar/trabalhar/se proteger em casa, e a angústia que esse mesmo processo de quarentena gerou em nossos corpos e em nossos estados emocionais.

Considerações Finais

É interessante essa liberdade que nos brinda a arte para subverter objetos e técnicas no processo criador. Antes de nos enveredar pelos caminhos da prática artística, pensávamos que a arte estava apenas relacionada à pintura, à escultura e talvez ao desenho e à fotografia. Crochê, costura e bordado eram mais bem associados às atividades de passatempo de avós, mães e tias, que encontravam no tecido e nos fios, formas de preencher o tempo ou também, maneiras de se conectar com seus próprios pensamentos.

No entanto, tem sido lenta essa ressignificação da arte têxtil no sistema artístico contemporâneo e talvez ainda mais, nas escolas que formam artistas. No entanto, nesse processo de nos entendermos como artistas de um contexto latino e (de) colonizado, nos deparamos com saberes, práticas, conhecimentos que se referem à nossa realidade imediata, cotidiana, experiências que vivenciamos nas nossas infâncias. Decidimos, cada uma à sua maneira, olhar para aquilo que faziam as mulheres das nossas famílias, e cada uma de nós, tratou de recuperar esses gestos mediados por um olhar afetivo.

Algumas das nossas memórias eram comuns: uma mãe e uma avó que faziam crochê, uma tia que bordava, não necessariamente uma fonte de inspiração, mas memórias que nos conectam com afazeres femininos e íntimos.

Temos no nosso núcleo familiar mulheres que foram, quando muito, consideradas “prendadas”. Já trazia essa discussão SIMIONI:

O bordado visto como um caso exemplar: arte feminina por excelência, adequado a esse sexo por sua graça, encanto, domesticidade e, poderíamos dizer, “textilidade”. A percepção social de que os objetos realizados em tecidos eram, “por sua natureza”, frutos de atividades de mulheres e apropriados aos recintos domésticos era por demais difundida e arraigada, a ponto de penetrar inadvertidamente, e por isso mesmo com força, as crenças e práticas em vigor nos campos artísticos. Assim, as artes têxteis, mesmo em inícios do século XX, ainda encontravam-se indissociavelmente ligadas aos estigmas do amadorismo, do artesanato e da domesticidade (SIMIONI, 2010 p.8).

Nos (re)apropriamos desse fazer considerado pejorativamente como “doméstico” e o trazemos para o nosso processo artístico, porque desejamos provocar discussão em torno do nosso lugar de fala e de ação.

Também vemos o têxtil como um caminho para construir/gerar um objeto artístico, um lugar próprio e seguro para nós mesmas. Entendemos nosso encontro com esta materialidade como uma forma de desconstruir ideias arraigadas de que o trabalho com o têxtil é uma prática “menor”, inferiorizada pelo fato de estar intimamente associado à domesticidade, e também às mulheres.

Não importa o quanto fomos ocultadas, sempre encontramos meios e formas de expressar nossas ideias, nossas histórias, na arte apesar de todas as barreiras que foram impostas para as mulheres artistas, soubemos encontrar nesses meios formas de deixar registrado para as gerações seguintes, o caminho trilhado, mas que ainda temos muito o que percorrer.

Referências

BERUETE, Santiago. **Jardinosofia. Una história filosófica de los jardines.** Madrid: Turner Noema, 2016.

BACHELARD, Gaston. **A poética do devaneio.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

DE LAURENTIIS, Gabriela. **Louise Bourgeois e modos feministas de criar.** São Paulo: Annablume, 2017.

CATALOGO LEDA CATUNDA: 1983 – 2008/ apresenta o Marcelo Mattos Araujo; curadoria e texto Ivo Mesquita; texto Lilian Toni; cronologia Juliana Ripoli. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2002.

RODRÍGUEZ BENCOMO, A. **Cuerpos liminales. Pensando la creación en la opción despatriarcal/decolonial.** En: Iberoamérica social. Revista-red. de estudios sociales. Vol.5, Nr 8, 2017, pgs.115 – 136.

SIMIONI, Ana Paula. **Bordado e transgressão: questões de gênero na arte de Rosana Paulino e Rosana Palazyan.** Revista Proa, nº02, vol.01, 2010.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. **Descosturando gêneros: da feminização das artes têxteis às subversões contemporâneas.** In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; CASTILHO, Kathia (Org.). CORPO E MODA: por uma compreensão do contemporâneo. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2008. p. 11 – 23.

TEDESCO, João Carlos (Org.). **Usos de memórias.** Passo Fundo: UPF, 2002.

XIMENES, Maria Alice. **Moda e Arte na Reinvenção do Corpo Feminino do Século XIX.** São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2011. Rio de Janeiro: Editora SENAC Rio.

Submissão: 03/09/2022

Aprovação: 21/12/2022